

A luta pelos direitos humanos na América Latina: alguns problemas sobre sua percepção na Europa

Wilhelm Kempf

Em meus trabalhos de pesquisa e docência, para a constituição de uma base de compreensão transcultural, me vi sempre confrontado com a dificuldade que se apresenta aos europeus quando se trata do fato de reconhecer a imensa injustiça que se comete contra os habitantes da maioria dos países da América Latina submetidos e mantidos no subdesenvolvimento, ou quando se trata do fato de compreender sua luta pelos direitos humanos e por se libertar dessas condições, sem que essa luta seja interpretada simplesmente como mais uma manifestação do combate mundial Leste-Oeste.

Estas dificuldades de compreensão não se produzem por casualidade, mas são induzidas de forma sistemática pela forma em que os meios de comunicação nos fazem chegar as informações (Kempf), maneira que serve a um cálculo político evidente, como o ex-subsecretário do Ministério de Relações Exteriores dos Estados Unidos da América do Norte, Elliot Abrams (Gottwald et al., 1988, s. 20), reconheceu: “Com respeito à situação dos direitos humanos, na Nicarágua sob o governo de Somoza ou atualmente em El Salvador, não *deveremos* pensar tão somente na situação interna, mas sim *temos que* pensar de que maneira o país em questão está adaptado ao sistema de relações Leste-Oeste”.

Mas as dificuldades para a criação de uma base de compreensão transcultural às quais me referi não *são tão somente* o produto de uma política para a qual os direitos políticos e sociais dos latino-americanos são indiferentes e a questão dos direitos humanos é lembrada somente no momento em que estes podem ser utilizados como arma no conflito Leste-Oeste. Estas dificuldades são de caráter mais fundamental e profundo e começam a sê-lo já no momento mesmo em que tratamos de compreender a resistência contra a opressão e a exploração na América Latina, mas nos orientando com base em nosso nível de vida e tratando de fazê-la concordar com *nossas* idéias sobre a paz e a harmonia sociais.

Desse modo, para nós europeus, resulta difícil compreender aquela frase que Che Guevara escreveu a seus filhos em sua carta de despedida, e na qual

lhes pede: “Sobretudo, sejam sempre capazes de sentir no mais fundo qualquer injustiça cometida contra qualquer um em qualquer parte do mundo. É a qualidade mais linda de um revolucionário” (Guevara, 1985; p. 392); pois este sentimento profundo frente a qualquer injustiça, sobre o qual Che escreve, não se refere somente a uma indignação moral, nem tão pouco a uma ‘consternação’ (coisa muito em moda em nosso país e que vemos como uma amostra da capacidade de se emocionar), mas que, sobretudo, nos propõe ter a capacidade de diferenciar entre justiça e injustiça, não as colocando de forma puramente abstrata, uma frente à outra como pólos contrários, mas sim a partir de seu conteúdo social.

Em minha exposição, referir-me-ei a algumas das barreiras psicológicas e ideológicas contras as quais devem se impor na Europa uma consciência da situação social na qual se encontra a maior parte da população da maioria dos países latino-americanos.

A superação de tais barreiras na Europa não somente é necessária para compreender corretamente a situação de exploração, a repressão e o uso da violência organizada a que a maior parte do sub-continento latino-americano está exposta, mas também, e sobretudo, para poder se confrontar com a resistência oferecida e se solidarizar com ela. Não somente enquanto tal resistência seja de natureza defensiva, ou seja, uma simples *autodefesa das vítimas* contra a injustiça e a ditadura, mas também quando a resistência tome formas revolucionárias e chegue a conquistar um novo regime para a sociedade. Quer dizer, quando comece a eliminar as raízes da injustiça e a criar estruturas democráticas de participação que até então foram negadas à maioria da população e que, naturalmente, não se apresentarão sob a forma de democracia parlamentar que nós conhecemos e que também não serão feitas para poder satisfazer *nossos* ideais ou para servir de campo de projeção para as *nossas* necessidades.

Entretanto, justamente no momento de chegar a este ponto, fracassam constantemente as tentativas de compreensão por parte dos europeus. O latino-americano Gabriel García Márquez chamou já a atenção sobre alguns dos motivos que originam este fracasso. Em seu discurso, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1982, ele ataca o eurocentrismo de nossa maneira de ver as coisas e sustenta que a interpretação da realidade latino-americano com ajuda de esquemas alheios somente contribui para que a América Latina seja cada vez menos conhecida, menos livre e mais isolada (García Márquez, 1982). Para García Márquez o problema consiste em que, nesta parte do mundo, o talento racional, extasiado na contemplação de sua própria cultura, não encontrou ainda um método eficaz para interpretar a realidade latino-americana, já que insiste em medi-la com a mesma medida com que eles mesmos se medem, sem pensar que as feridas e danos da história e da vida não são iguais para todos.

Este esquema de interpretação da realidade latino-americana criticado por García Márquez, torna-se ainda mais agudo quanto mais nos esforçamos para

conseguir uma suposta objetividade científica. A resistência coletiva contra a repressão e o uso da violência organizada da forma que hoje a conhecemos em países como Chile, Guatemala ou El Salvador, somente pode ser compreendida considerando sua relação com a própria cultura, sociedade e situação concreta atual. O mesmo é válido também para os projetos revolucionários de países como Cuba e Nicarágua. Mas, precisamente, o ideal europeu burguês de 'objetividade' exige como condição a *abstração* do contexto no qual os sujeitos atuam.

Da mesma maneira, as categorias descritivas esquemáticas das que faz uso a ciência não podem nos mostrar descrições de ações diferentes do contexto. Elas meramente colocam as ações descritas em um contexto não compreendido cabalmente e que, em geral, é diferente daquele no qual efetivamente se realizaram as ações (Schwemmer, 1987). Até aqui, este é, sem dúvida, um problema geral do método de compreensão das ações. Mas, quando se trata da criação de uma base de compreensão *transcultural*, o problema acarreta consequências mais graves, pois, enquanto na criação de uma base de compreensão *intra-cultural* se pode contar com o fato das categorias esquemáticas colocarem as maneiras de atuar e a sua compreensão no contexto cultural normal, usual (e como tal, com conteúdo real); no caso da criação de uma base de compreensão *transcultural* não acontece o mesmo, pois, por exemplo, o que num país europeu desenvolvido pode constituir uma simples questão de reforma moderada, em um país latino-americano possivelmente pode aparecer como um acontecimento revolucionário que põe em jogo as condições de dominação, o sistema.

Entre as condições que dificultam o processo da possível criação de uma base de compreensão transcultural entre os membros de uma sociedade industrial européia altamente desenvolvida como a República Federal da Alemanha e os atores de um processo de revolução social num país latino-americano subdesenvolvido, devem ser mencionadas, em primeiro lugar, as diferenças sócio-econômicas de tais sociedades, consideradas sob vários pontos de vista:

1) A diferença de condições sócio-econômicas entre os países industrializados e os subdesenvolvidos é de tal magnitude, que aos que pertencem a um país europeu industrializado lhes falta qualquer padrão para medir, e assim poder julgar os êxitos sociais revolucionários em um país do Terceiro Mundo; para nós, por exemplo, torna-se quase inimaginável entender o que significam conquistas como o abastecimento de produtos alimentícios básicos e a alfabetização para a população de um país do Terceiro Mundo que até pouco tempo tivesse sido mantida na miséria e ignorância.

2) Bem-estar, alto-padrão de vida e previsão social chegaram a ser para o europeu ocidental coisas absolutamente normais, das quais nem sequer se lembra em sua vida cotidiana já que se subentende que existem, e diante das quais nem sequer dispõe de uma medida para medir ou comparar.

O significado que têm os processos de revolução social para todos aqueles que os vivem ou são atores deles, somente pode ser entendido através de seus próprios requisitos e condições de vida. O mesmo também é válido para os movimentos de resistência como no Chile, Guatemala ou El Salvador.

Para compreender o agir, a maneira de atuar dos latino-americanos será sempre válido que consideremos seus próprios requisitos e condições históricas, sociais e culturais, com o qual, na criação de uma base de compreensão transcultural, teremos realmente aberta a possibilidade de nos introduzirmos em toda sua dimensão nas verdadeiras regras socioculturais pelas quais se regem as sociedades latino-americanas.

Entretanto, nossa forma de compreensão terá necessariamente outra qualidade que a do próprio latino-americano, posto que ela não é prática mas sim teórica, já que pode ser produzida somente mediante esforços teóricos, o que, seja dito de passagem, é válido também para os cientistas sociais europeus que permanecem durante longo tempo na América Latina realizando trabalhos de campo.

Em todo caso, o escritor alemão-federal Hans Magnus Enzensberger tira conclusões errôneas quando propõe que logicamente se poderia levantar a exigência de que cada comunidade ou sociedade somente pode ser descrita ou julgada segundo seus próprios requisitos e condições. O que é mais fácil de dizer que de realizar, pois um relativismo tão conseqüente suporia a existência de um observador que estivesse em condições de deixar em casa sua própria bagagem cultural (Enzensberger, 1982). Um relativismo assim entendido também não conseguiria fazer avançar nem um só passo a criação de uma base de compreensão transcultural, pois, ainda que alguns europeus pudessem se transformar em latino-americanos, para a compreensão da verdadeira realidade latino-americana por parte dos europeus, não se teria feito nada.

Pelo contrário, para chegar a este processo de aprofundar na compreensão específica, temos que propor a desigualdade entre nossas bases socioculturais já que a tentativa de entender a realidade latino-americana a partir de seus próprios requisitos e condições, significa para nós europeus a *criação consciente* do contexto em que essa realidade possa ser entendida. Por isto, a compreensão da situação latino-americana que formamos de nenhuma maneira pode ser uma simples cópia; sua validade terá que ser creditada mais como um serviço de tradução transcultural e como tal somente pode ser apresentado em um debate intercultural no qual os atuais e diferentes requisitos para compreender ambas as sociedades, tanto a latino-americana como a européia, deverão ser tema de um debate igualitário, com os mesmos direitos.

Somente quando estivermos dispostos a realizar tal debate, a nós, europeus, será aberta a possibilidade para reconhecer aquilo sobre o que García Márquez chamou a atenção com tanta insistência: que a imensa violência e a imensa dor da história latino-americana são o resultado de centenárias e inúmeras

veis injustiças e amarguras e não uma conspiração tramada a três mil milhas de distância (García Márquez, 1982).

Bibliografia

- GARCÍA MÁRQUEZ, G.** (1982). Die Einsamkeit Lateinamerikas. Rede zur Verleihung des Literaturnobelpreises. *Frankfurter Rundschau*. 18 de dezembro.
- GUEVARA, E. Che.** (1985). A mis hijos. In: *Escritos y discursos*. Vol. 9. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales.
- GOTTWALD, G. et al.** (1988). Die Contra Connection. Die Internationalen Contramacher und ihre bundesdeutschen Helfer. *Konkret Literatur Verlag*. Hamburgo.
- KEMPF, W.** (Hrsg.). Medienkrieg oder 'Der Fall Nicaragua'. Argument (im Druck), Hamburgo.
- ENZENSBERGER, H. M.** (1982). Eurozentrismus wider Willen. Eins politisches Vexierbild. In: M. Suhrkamp, *Politische Brosamen*, Frankfurt.
- SCHWEMMER, O.** (1987). Das Allgemeine unseres Handelns. Zum Sinn der Rede von Gesetzen und Regeln für die Darstellung menschlichen Handelns. In: BRANDTSTÄDTER, J. (Hrsg.). *Struktur und Erfahrung in der psychologischen Forschung*. Berlin, De Gruyter.